

Características da Proto-Teoria da Zdp em Marx: uma leitura vigotskysta da relação dialética entre perguntas e respostas em Marx

Eliézer dos Santos Oliveira¹

Resumo: O artigo reconstrói as origens marxianas do conceito de Zdp (*Zona de desenvolvimento proximal*) criado por Vigotsky e desdobrado em seus seguidores, sobretudo G. Wells e Y. Engeström. De Vigotsky a Engeström há um processo de coletivização cada vez maior do conceito de Zdp, abrangência esta que remonta a Marx, cuja filosofia –da relação dialética entre perguntas e respostas– permite-nos identificar a “Zdp” da totalidade histórico-material da humanidade. Ao mesmo tempo em que Marx pode ser lido, retroativamente pelo conceito de “Zdp” ele também pode oferecer uma importante contribuição para o enriquecimento das leituras dos autores que seguem Vigotsky.

Palavras-chave: Vigotsky; Marx; Zona de desenvolvimento proximal (Zdp); Dialética entre a pergunta e resposta.

Introdução

Gordon Wells aponta a descoberta da Zdp como o mais importante contributo de Vigotsky para a educação, porém denuncia que na maioria das vezes é utilizada “(...) para justificar formas de ensino que parecem ser bastante incompatíveis com a teoria em seu conjunto.”² Porém, mais difícil do que isto é articulá-la ao conjunto da obra marxiana.

O senso comum sabe que Vigotsky é marxista e autor da teoria sobre a Zdp - Zona de Desenvolvimento Proximal. Porém, o nexos entre estes dois saberes não seja evidente, tal como se uma coisa não tivesse relação com a outra. Por isso, pretendemos elucidar a fonte marxiana da Zdp, sobretudo a partir da filosofia da pergunta presente em Marx. Almejamos descobrir Marx na fundamentação última da Zdp, encontrar no conjunto de sua obra

¹ Professor do Instituto Superior de Filosofia da Ucpel. Bacharel e Licenciado em filosofia, Especialista em docência superior, pela UCPEL e mestrando de Educação na Ufpel.

² WELLS, G. *Indagación dialógica: Hacia una teoría y una práctica socioculturales de la educación*. p. 315.

uma proto-teoria da Zdp e apresentar as suas características, relacionando-a com as construções dos vigotskistas.

1. A “Zdp” para Vigotsky, Wells e Engeström

De Vigotsky a Engeström o conceito de Zdp percorre o crescente caminho da coletivização. Em Vigotsky ele é identificado em indivíduos; em Wells é percebido em atividades coletivas; em Engeström na atividade coletiva de diversos sistemas inter-relacionados.

1.1 Vigotsky: a Zdp do indivíduo

Vigotsky chega ao conceito de Zdp pela dialética. Ele desconstrói as formulações existentes e a partir dos escombros ergue a sua compreensão. Primeiramente se põe contra os que concebem as polaridades *desenvolvimento* e *aprendizagem* totalmente separadas; e também contra a sua variação que concebe a *aprendizagem* como dependente das possibilidades criadas pelo *desenvolvimento*. Depois se põe contra aqueles que consideram ambas polaridades idênticas. Por fim, critica a postura eclética que combina sem superar as formulações anteriores.

Vigotsky concorda em parte com a primeira posição: “Por isso, a aprendizagem se encontra indiscutivelmente na dependência de certos ciclos do desenvolvimento infantil já percorridos”³. Da segunda aproveita um pequeno avanço: o tratamento da *aprendizagem* sem as influências do *desenvolvimento*. Ambas não comportam as relações complexas entre as polaridades e, portanto, negam a incidência da *aprendizagem* sobre o *desenvolvimento*. A terceira posição é valorizada porque reconhece tais relações, inclusive a possibilidade da *aprendizagem* aperfeiçoar e produzir novas estruturas e gerar *desenvolvimento*.

Depois disto, Vigotsky expõe os resultados de quatro séries de investigação. Na primeira reconhece que a criança começa o seu aprendizado apoiada em processos psíquicos imaturos; sobre a segunda afirma: “Descobrimos que a aprendizagem está sempre adiante do desenvolvimento”⁴; na terceira série investigativa trata do aprendizado geral, da interação sistêmica entre as diferentes

³ VIGOTSKY, Lev Semenovich. *A construção do pensamento e da linguagem*. p. 299.

⁴ Idem. p. 322.

matérias (inclusive formais), que rejeitam a forma decomposta das disciplinas isoladas, ou no dizer de Wells o *metaconhecimento*⁵; na quarta série de investigação Vigotsky descobriu algo novo para a psicologia, que consiste em não apenas testar o que a criança já aprendeu, mas também levar em conta as suas potencialidades de aprendizado, a Zdp.

Com isto, ocorre a descoberta da Zdp, nível segundo o qual a criança resolve, com a ajuda de outro, problemas que transcendam o seu Nível de Desenvolvimento Real (NDR), pois “(...) o estado do desenvolvimento nunca é determinado apenas pela parte madura.”⁶ Graças à valorização da aprendizagem como promotora do desenvolvimento, a criança pode aprender com outro o que sozinha seria incapaz. Assim, não é a aprendizagem que depende do desenvolvimento, mas ao contrário. A aprendizagem desencadeia o desenvolvimento através do auxílio dos adultos e da imitação da criança, não mais isolada e nem reduzida ao seu NDR.

Vigotsky não pretende deixar a criança dependente da figura do professor, seu horizonte é a autonomia, por isso afirma que “(...) o que a criança é capaz de fazer hoje em colaboração [Zdp] conseguirá fazer amanhã sozinha [NDR].”⁷ Para ele a autonomia é atingida ao final do processo e não no princípio. Cabe à escola exigir da criança mais do que ela pode isoladamente dar, seu papel está em realizar atividades que desafiem a criança à auto-superação. “Ensinar uma criança o que ela não é capaz de aprender [fora da Zdp] é tão estéril quanto ensiná-la a fazer o que ela já faz sozinha [se encontra no NDR].”⁸ Em Vigotsky os vínculos sociais são tão fortes, que no próprio momento no qual a criança se encontra só, eles não se dissolvem. “Desta vez a criança deve utilizar-se sozinha dos resultados da sua colaboração anterior.”⁹ Aqui a cooperação realizada no passado se faz presente pela memória da ajuda recebida do professor.

⁵ Interconectar objetos, atividades e teorias na totalidade sistêmico-complexa; não simplesmente tomar consciência dos objetos particulares das disciplinas isoladas; Tornar-se consciente dos processos de pensamento e aprendizagem. Cf. WELLS, G. *Indagación dialógica: Hacia una teoría y una práctica socioculturales de la educación*. p. 83-85.

⁶ VIGOTSKY, Lev Semenovich. *A construção do pensamento e da linguagem*. p. 326

⁷ Idem. p. 331.

⁸ Idem. p. 336-337.

⁹ Idem. p. 341.

1.2 Gordon Wells: a zdp da Comunidade de Indagação

Vigotsky trabalhou o conceito de Zdp centrando em indivíduos, em Wells o mesmo conceito é aplicado à coletividade, expressa pela “Comunidade de Indagação”, fundamentada na prática comunitária entre todos os envolvidos no processo educativo. A coletividade perpassa todo o processo desde o planejamento, execução, levantamento de problemas, buscas de solução e avaliação da atividade desenvolvida, etc. Subjacente a isto se encontra a noção de que aprender não é uma tarefa separada da atividade da comunidade de aprendizado. Somente assim é possível aprender algo pessoalmente significativo e socialmente valorizado, capaz de promover o desenvolvimento de todos os participantes da atividade comunitária. O desenvolvimento nunca é individual, visto que os membros mais expertos da comunidade (professores ou alunos¹⁰) são os guias e a ajuda necessária para o desenvolvimento mais autônomo dos novatos. Também os professores situam-se numa Zdp, por isto necessitam da ajuda de seus alunos e colegas, devendo inclusive participar da comunidade de indagação docente¹¹.

Os professores redirecionavam os rumos da Zdp comunitária, para isto realizavam o diagnóstico da realidade e lançavam novas experiências para o grupo. Apoiavam os estudantes a partir da Zdp da classe, respondiam as dificuldades com a finalidade de potencializar a comunidade de indagação. Deveriam “atuar na Zdp de uma criança isolada e atuar na Zdp mais ampla da comunidade”¹², deixando-os agir sozinhos e socorrendo-os em suas dificuldades.

1.3 Yrjö Engeström: a Zdp da relação entre diversos sistemas de atividade

Para Engeström o limite de Vigotsky e da primeira geração de autores da teoria da atividade reside na unidade escolhida para a análise: o indivíduo. Ele identifica o progresso operado pela segunda geração, sobretudo Leontiev, que promoveram inter-relações complexas entre os indivíduos e suas comunidades. A

¹⁰Idem. p. 309-310.

¹¹Idem. p. 178.

¹²WELLS, G. *Indagación dialógica: Hacia una teoría y una práctica socioculturales de la educación*. p. 301.

terceira geração, da qual Engeström participa, relaciona as múltiplas redes de interação dos diversos sistemas de atividade.

Em Engeström a Zdp ganha contornos complexos advindos das relações entre os diversos sistemas envolvidos, que em meio às situações tensas precisam negociar. O principal reside na jornada coletiva, através da qual os sistemas transformam-se pelas suas próprias contradições, gerando assim a Zdp da própria atividade. Surge aqui a ideia da “aprendizagem por expansão” que consagra a noção da Zdp para além do indivíduo, jogando-a para a própria atividade, sem que haja quem detenha o conhecimento buscado pela interação dialógica entre os sistemas.¹³

Engeström analisa a nova teoria na prática, aplicada ao “Laboratório de Ultrapassagem de Fronteiras”, formado pelos pais de crianças doentes, representantes dos hospitais e dos serviços primários (médicos, enfermeiro, funcionários...), para resolver os problemas do sistema de saúde de Helsinki, na Finlândia. Neste processo, “não havia nenhum modelo pronto que pudesse solucionar os problemas; nenhum professor sábio tinha a resposta correta.”¹⁴

O mosaico coletivo era construído em meio às contradições, sugestões, atitudes defensivas e propositivas, críticas, rejeições, reformulações, aprimoramentos, projetos pilotos, testes, questionamentos conflituais, reflexões avaliativas... A cada passo o grupo aprofundava melhor as questões e cada contribuição era aprimorada pelos entrosamentos com as demais. O desafio residia em refletir sobre o processo, lançar os novos passos sem ainda ter completado todo o ciclo de expansão, uma vez que ele continuava ocorrendo de forma viva, dinâmica e complexa. Com isto, Engeström trabalha a aprendizagem e o desenvolvimento de forma lateral e horizontal, pois não há um sujeito que esteja acima dos outros a ponto de socorrê-los em suas dificuldades, é o grupo como um todo, carente de soluções, que deve coletivamente busca-las. Os próprios conceitos, criados pelo grupo, tornam-se construções sintéticas, difíceis, conflitivas, alternativas e processuais – que se colocaram entre os conceitos científicos e os espontâneos.

¹³ Cf. ENGESTRÖM, Yrjö. *Aprendizagem por extensão na prática: em busca de uma reconceitualização a partir da teoria da atividade.*

¹⁴ Idem. p. 8.

2. A proto-teoria da Zdp em Marx

A teoria da Zdp foi criada por Vigotsky, por isso a construção da proto-Zdp em Marx só é possível pelo caminho retroativo, por onde se descobre nas entrelinhas de Marx elementos que antecedem, constituem e ampliam o sentido da teoria da Zdp. A partir da relação entre a formulação e a resolução de questões se descobrirá as características da proto-Zdp marxiana.

2.1 Zdp da história material da humanidade: A dialética entre pergunta e resposta

Depois de Vigotsky o conceito de Zdp foi coletivizado para as classes escolares e grupos de debates, descobrindo-se assim, o seu caráter coletivo. Em Marx, este caráter é ainda maior, visto que a proto-Zdp está articulada com o desenvolvimento material da história, incapaz de colocar questões que sejam totalmente alheias ao seu desenvolvimento.

Por isso a humanidade coloca sempre a si mesma apenas as tarefas que pode resolver, pois que, a uma consideração mais rigorosa, se achará sempre que a própria tarefa só aparece onde já existem [que identificamos como NDR], ou pelo menos estão no processo de se formar [identificamos como Zdp], as condições materiais da sua resolução.¹⁵ (grifos meus)

Para Marx, a elaboração de qualquer questão (pergunta, tarefa, problema) já pressupõe a capacidade que a formação sócio-material tem de resolvê-la¹⁶. Problema e resolução são gestados no seio do desenvolvimento histórico-material, manifesto, sobretudo, nos momentos de transição de um modo de produção para o outro. Marx reformula a produção das ideias vinculando-a com os desenvolvimentos materiais das forças produtivas e das relações de produção. Ele fundamenta materialmente a teoria da revolução social, que não é mera atividade intelectual, mas um produto-produtor do processo do desenvolvimento histórico.

O que ocorre com a humanidade é o que Marx busca para si: colocar as questões e resolvê-las. Para isto precisa desconstruir as formulações/resoluções pautadas no capitalismo, o que lhe custa

¹⁵MARX, Karl. *Prefácio: Para a Crítica da Economia Política*.

¹⁶Cf. MARX, Karl. *Prefácio: Para a Crítica da Economia Política*.

15 anos de estudos preparatórios, envoltos em críticas e autocríticas, até conseguir formulá-los a partir da esquecida Zdp da totalidade histórico-material. Para formular o informe, desenvolver o broto não plenamente conscientizado, utiliza-se dialeticamente do máximo que a humanidade conseguira evoluir: economia inglesa liberal, filosofia idealista alemã, socialismo utópico francês, atividade política dos movimentos operários e a sua própria militância...

Ele valoriza o nível de desenvolvimento atingido pelos liberais na conquista da emancipação política, porém aponta as suas insuficiências, lançando a questão para um patamar histórico não plenamente desenvolvido, mas próximo do desenvolvimento possível de até então, a saber, a emancipação humana. Com isto, não simplesmente supera os seus oponentes, mas sim o próprio desenvolvimento histórico atual (emancipação política), cuja abertura atinge o nível de desenvolvimento potencial esquecido (emancipação humana). Marx ausculta a Zdp da humanidade ao passo que seus adversários limitam-se ao seu NDR.

Na busca pela sua formulação e resolução, Marx desemboca na preocupação com o método. Com isto, explica a formação dos conceitos científicos a partir do materialismo, que rejeita o real e o concreto imediato, suposto como efetivo e como o ponto de partida da análise da Economia Política. Ele parte da visão caótica do conjunto, tomando-o como o concreto representando; chega às determinações mais simples, denominadas abstratas; e regressa à totalidade concreta, enriquecida pelas múltiplas determinações/relações pelas quais passou no segundo momento. Assim, tanto o ponto de partida quanto o ponto de chegada é o mesmo, o círculo dialético se fecha, com a diferença de que o primeiro passo do método é formado pela totalidade indeterminada e no último ocorre a determinação, após ter passado pelas mediações abstratas das diversas particularidades. Nenhum elemento isolado pode ser verdadeiramente compreendido se não estiver situado na totalidade sistêmica concreta, viva e pensada¹⁷.

Marx não substitui a realidade pelo pensamento, apenas lhe representa a partir deste. O método quer dar conta do movimento do real e não das ideias. Para Marx o concreto sempre está presente, ainda que de forma implícita, no fundamento do abstrato. Por isso ele relaciona dialeticamente os momentos da produção material, não simplesmente para articulá-los num esquema ideal, mas sim, para reconhecer as relações que já estão postas pela

¹⁷MARX, Karl. *Prefácio: Para a Crítica da Economia Política*.

materialidade. Assim, a unidade na diversidade e as interações dialéticas não são invenções, mas descobertas.

A conclusão a que chegamos não é de que a produção, a distribuição, a troca e o consumo são idênticos; concluímos, sim, que cada um deles é um elemento de um todo, e representa diversidade no seio da unidade. (...) Existe uma interação de todos estes elementos: isto é próprio de um todo orgânico.¹⁸

Por mais que determinada categoria simples e isolada pareça ser anterior ao concreto, ainda assim é possível encontrar o seu conteúdo material não plenamente desenvolvido na Zdp histórica-material. A “posse”, o “dinheiro”, o “trabalho” existiam como categorias particulares antes do capitalismo e são testemunhas de seu desenvolvimento histórico, ou seja, já estavam na Zdp da humanidade, ainda que não plenamente desenvolvidas e realizadas segundo esta nova totalidade sistêmica¹⁹. A evolução das categorias abstratas acompanha o desenvolvimento da totalidade com a qual estão relacionadas. Apenas quando esta se desenvolve plenamente é que a abstração manifesta a intensidade de seu sentido escondido.

As categorias que exprimem as relações desta sociedade [capitalista], e que permitem compreender a sua estrutura, permitem-nos ao mesmo tempo entender a estrutura e as relações de produção das sociedades desaparecidas, (...) A anatomia do homem dá-nos uma chave para compreender a anatomia do macaco. (...) Do mesmo modo, a economia burguesa dá-nos a chave da economia da Antiguidade, etc.,²⁰

O mesmo ocorre com a relação entre pergunta e resposta, pois sem as condições reais para responder é impossível que a questão surja, e o seu aparecimento já anuncia o horizonte material de sua resolução. Não só a *pergunta*, o *macaco*, o *NDR*, o *desenvolvimento*, o *capital*... ajudam, respectivamente, a compreender a *resposta*, o *ser humano*, a *Zdp*, a *aprendizagem*, o *capitalismo*... mas também vice-versa. Por isso, Marx combate a concepção de que é possível, construir a história de forma totalmente livre, indeterminada e aberta.

¹⁸MARX, Karl. *Para a Crítica da Economia Política*.

¹⁹Cf. MARX, Karl. *Prefácio: Para a Crítica da Economia Política*.

²⁰MARX, Karl. *Prefácio: Para a Crítica da Economia Política*.

Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos.²¹

Também o questionamento não é realizado segundo a livre vontade do interrogador ou das circunstâncias ideais, mas desde sempre historicamente situadas. Os defensores da divinização da pergunta não admitem esta constatação. Eles insistem no caráter independente da pergunta perante a resposta, como se ambas não tivessem qualquer relação com o grau de desenvolvimento histórico. Entretanto, os idealistas, não percebem que a sua reivindicação já é um produto histórico e que eles já se encontram presos à tradição que pretendem criticar.

Marx reconhece a relação dialética entre pergunta e resposta, presente nas lutas do proletariado, sujeito histórico revolucionário e autocrítico (auto-revolucionário). A dinamicidade do processo sócio-histórico exige re-problematização e capacidade de corrigir o curso para manter-se fiel aos propósitos almejados. As revoluções proletárias “(...) voltam ao que *parecia resolvido para recomencá-lo* outra vez, escarnecem com impiedosa consciência as deficiências, fraquezas e misérias de seus primeiros esforços”²² (grifos meus) etc. Ao realizar a revolução que era proximal, ela própria gera uma nova Zdp que precisa ser assimilada.

Marx rejeita as explicações idealistas do golpe de Napoleão II, afirma que “o enigma não é solucionado por tais jogos de palavras; é apenas formulado de maneira diferente.”²³ Segundo explicação de Engels cabe a Marx o mérito de colocar e resolver o problema de forma original.

Fora precisamente Marx quem primeiro descobrira a grande lei da marcha da história, a lei segundo a qual todas as lutas históricas, quer se processem no domínio político, religioso, filosófico ou qualquer outro campo ideológico, são na realidade apenas a expressão mais ou menos clara da luta entre classes sociais, e que a existência, e portanto também os conflitos entre essas classes são, por seu turno, condicionados pelo de desenvolvimento de sua

²¹MARX, Karl. *O 18 Brumário*. p. 21.

²²Ibidem. p. 25.

²³MARX, Karl. *O 18 Brumário*. p. 27.

situação econômica, pelo seu modo de produção e pelo seu modo de troca, este determinado pelo precedente.²⁴

Marx não vê surpresa no golpe e remonta as suas origens materiais. “Se jamais houve um acontecimento que, muito antes de ocorrer, tivesse projetado diante de si a sua sombra, foi o golpe de Estado de Bonaparte.”²⁵ Antes do golpe de Bonaparte II ser real ele já era proximal, estava na Zdp histórico-material. Napoleão II era a melhor resposta decadente para situação decadente provocada pela luta de classes na França, ele não era um indivíduo caído do céu detentor de poderes pessoais; nem a objetivação do espírito de um povo; nem a restauração do antigo Napoleão; nem resultado linear de um desenvolvimento histórico anterior; mas sim o alter-ego no qual a burguesia francesa não queria se ver, porém, diante de suas próprias divisões era de quem ela precisava²⁶. Afirma Marx: “A situação dos camponeses franceses nos fornece a resposta ao enigma das eleições de 20 e 21 de dezembro, que levaram o segundo Bonaparte ao topo do Monte Sinai, não para receber leis mas para ditá-las.”²⁷

2.2 Totalidade e contradições: Por uma Zdp dialética

Marx abraça a totalidade histórica complexa e contraditória, formulando as questões inerentes ao próprio desenvolvimento material, ao mesmo tempo em que critica as formulações mistificadas, tal como a realizada pela obra *A Miséria da Filosofia* (1847). Nela aponta os erros de Proudhon na forma de colocar o problema: anular o lado mau do capitalismo e reafirmar o seu lado bom sem realizar a transformação radical do sistema²⁸. Esta filosofia anti-dialética, é miserável porque não vê os opostos em sua unidade contraditória dentro de uma totalidade.

Assim, a divisão do trabalho, concebida de forma essencial e a-histórica, é tomada pelo seu lado bom, visto que ela possibilita a igualdade das condições e inteligências; e a concorrência é percebida como vantajosa porque constituiu o advento da igualdade; porém há também um lado mau na divisão do trabalho que consiste em ser instrumento de miséria e a concorrência que em sua

²⁴ENGELS, Friedrich. In: MARX, Karl. *O 18 Brumário*. p. 18.

²⁵MARX, Karl. *O 18 Brumário*. p. 115.

²⁶Cf. MARX, Karl. *O 18 Brumário*. p. 14.

²⁷MARX, Karl. *O 18 Brumário*. p. 135.

²⁸Cf. MARX, Karl. *A Miséria da Filosofia*. p. 108.

autonegação também produz a perda dos que estão envolvidos nela. Assim, tanto o bem quanto o mal são decorrentes do princípio metafísico que conduz a história e não como algo do próprio movimento dialético da história material. A partir disto, Proudhon coloca os problemas a serem resolvidos: suprimir os inconvenientes da divisão conservando os seus efeitos úteis; encontrar o equilíbrio da concorrência sem destruí-la²⁹.

Segundo Marx “é suficiente colocar o problema da eliminação do lado mau para liquidar o movimento dialético,”³⁰ visto que a totalidade contraditória não é levada em conta. Proudhon é um moralista que pretende, a partir de sua subjetividade arbitrária disfarçada de “gênio social” ou “nova razão”, purificar as categorias tomando-as isoladas e corrigindo-as de forma bilateral com outra categoria que também necessita de purificação de seu lado mau.

Marx, ao contrário, coloca a questão a partir da crítica interna à história descobrindo os princípios que norteiam cada momento conforme “(...) as suas respectivas necessidades, suas forças produtivas, seu modo de produção, as matérias-primas da sua produção – enfim, quais eram as relações entre os homens que resultavam de todas estas condições de existência.”³¹ Marx afirma a historicidade material de qualquer princípio, pois não há um elemento supra histórico, de ordem moral, ideal, genético, científico, filosófico... que garanta a forma correta de compreender o mundo, visto que o próprio elemento/princípio em questão é produto histórico.

Em sua tese de doutorado “*Diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro*” (1841) Marx constatara a necessidade de encontrar um princípio único a partir do qual pudesse explicar toda a realidade. “De fato, para Marx, o fascínio da teoria epicurista devia-se à explicação da natureza através da determinação interna do átomo, que fazia dele o único fundamento cognoscente desta teoria.”³² Esta sua preocupação metodológica leva-o a valorizar a crítica interna (Epicuro e Marx) e criticar como frágil a crítica externa (Demócrito e Proudhon).

As formulações de Proudhon estavam respaldadas pelo NDR e a Zdp da pequena burguesia reformista. O pequeno-burguês aspirava a condição capitalista (vantagem) e queria fugir da

²⁹Idem. p. 120 e 135-6.

³⁰Idem. p. 109.

³¹MARX, Karl. *A Miséria da Filosofia*. p. 111.

³²FLINCKINGER, Hans-Georg. *Marx e Hegel: O porão de uma filosofia social*. p. 27.

condição proletária (desvantagem). Ele se coloca oportunisticamente na discussão política ao formular, sob o disfarce dialético, aquilo que até então a pequena burguesia não havia conseguido formular. Ao mesmo tempo em que Marx denuncia o disfarce dialético de Proudhon, também demonstra como colocar as questões em termos verdadeiramente dialéticos.

2.3 Por uma Zdp teórico-prática

Proudhon pretende consertar as desvantagens e fomentar as vantagens do capitalismo. Por isto, põe-se contra as lutas radicais do movimento operário, as greves, revoluções, coalizões de operários, dissoluções, reivindicações por aumento de salários, comícios, violências contra o monopólio... e felicita como grande progresso, a obediência legal, a elevada condição moral e alto nível de educação... dos trabalhadores que não tomaram parte nestas lutas operárias. Ele não vai além do NDR; não ausculta e nem elabora as questões materiais que já se encontram na Zdp da humanidade de seu tempo; concebe o seu momento histórico como o máximo e último desenvolvimento possível, restando apenas remediá-lo a fim de salvá-lo dos males sociais. Marx, ao contrário, partindo das contradições do sistema de então consegue acolher e formular as questões e resoluções que podem superar o sistema capitalista, e não apenas reforma-lo.

A diferença entre as filosofias de Proudhon e de Marx geram também diferentes práticas sociais. Por isso, junto à Zdp teórica se encontra uma Zdp prática. Proudhon, por seu lado, coloca-se contra os movimentos revolucionários, age em prol da manutenção do sistema, defende reformas pontuais e um socialismo aburguesado, etc. Marx, por seu turno reconhece os conflitos sociais como inerentes à luta de classes, e o caráter prático da questão: “O combate ou a morte: a luta sangüinária ou o nada. É assim que a questão está irresistivelmente posta.”³³

No debate com os jovens hegelianos Marx deixa claro que as revoluções teóricas, abstratas, especulativas são incapazes de resolver as questões da humanidade. Marx, diferentemente de Lutero, não desenvolve uma revolução cerebral, mas descobre a necessidade da atividade prática-material como condição de transformação social. Por isso critica a formulação religiosa da questão emancipatória realizada por Bauer, que fatalmente chegaria a resultados reducionistas. “A formulação de uma questão é a sua

³³ Apud. MARX, Karl. *A Miséria da Filosofia*. p. 160.

resolução. A crítica da questão judaica é a resposta à questão judaica.”³⁴ Bauer ficou circunscrito ao âmbito da discussão teológica, reproduziu a crítica do idealismo filosófico e propôs a emancipação política liberal, sem dar conta da emancipação humana. Não quer dizer que Marx não valorize as conquistas liberais como um momento do desenvolvimento, mas não a toma como o ponto de chegada definitiva. Ele considera o NDR e histórico da questão e a lança para um patamar superior (Zdp):

A emancipação política representa, sem dúvida, um grande progresso. Não constitui, porém, a forma final de emancipação humana, antes é a forma final de emancipação humana *dentro* da ordem mundana até agora existente. Nem vale a pena dizer que estamos aqui a falar da emancipação real, prática.³⁵
(sublinhados meus)

Por que Bauer não vai além destes resultados? Por que ele não reconhece que “a emancipação política da religião não é a emancipação integral (...)”³⁶? Como que Marx e Bauer podem tratar da mesma questão de formas tão diferenciadas? Como Bauer constrói uma filosofia a serviço da emancipação política e Marx outra voltada para a emancipação humana? Por que Bauer fica às voltas com a emancipação do judeu e Marx busca a emancipação universal da humanidade? Todas estas perguntas voltadas para os resultados encontram a sua resposta na questão lançada por um e por outro. Ao “formular a questão” em termos idealistas, Bauer, já determina o resultado de sua atividade filosófica, que também será idealista. Marx ao contrário, afasta-se da questão teológica e formula outra centrada no componente social do judeu prático, mundano e material. Assim, a base real do judaísmo não é a religião, mas sim a traficância e o dinheiro, seus verdadeiros deuses, que abolidos, seriam sim capazes de emancipá-los³⁷. A fim de superar o reducionismo de Bauer, capaz no máximo da “emancipação política”, Marx precisa “re-colocar a questão” sobre outras bases, materialistas, que também, de antemão, determinarão outros resultados, a saber, a “emancipação humana”.

³⁴ MARX, Karl. *A Questão Judaica*. p. 5.

³⁵ Idem. p. 13-14.

³⁶ Idem. p.10.

³⁷ Cf. MARX, Karl. *A Questão Judaica*. p. 39.

2.4 Dados, pergunta, resolução: da matemática à história material

Em todo o momento Marx trabalha a relação dialética entre a pergunta e a resposta, sobre os jovens hegelianos afirma: “Não apenas em suas respostas, mas já nas suas próprias questões, havia uma mistificação”.³⁸ Antes disto, o jovem jornalista Karl Marx afirmara:

A verdadeira crítica, portanto, analisa as questões e não as respostas, assim como *a solução* de uma equação algébrica é dada uma vez que *o problema foi colocado na sua forma mais simples e mais afiada*, assim que cada *pergunta é respondida logo que se tornou uma questão real*. A mesma história do mundo não tem outro método que o de responder eliminando antigas perguntas, colocando novas.³⁹ (grifos meus)

Ele prima pela formulação matemática das perguntas como primeiro critério de precisão das respostas e analisa a própria história a partir da espiral ascendente de perguntas e respostas. Segundo Marx, a dificuldade toda reside na formulação da questão, uma vez formulada sua resposta se dá como consequência lógica. A partir de Vigotsky é possível afirmar que uma questão apenas pode ser formulada de maneira “simples”, “afiada” e se “tornar numa questão real” assim que é incorporada pelo NDR. Na medida em que as questões são formuladas e respondidas elas expandem o NDR, este, por sua vez, gera uma nova Zdp, a partir da qual inicia um novo desenvolvimento de formulação de outras perguntas.

Para isto, Marx se utiliza da modelagem algébrica, que o acompanhará por toda a vida. Em carta dirigida a Nieuwenhuis (22/02/1881), utiliza o sistema equacional para responder sobre as medidas econômico-políticas que os socialistas deveriam tomar caso tomassem o poder legislativo. Marx responde-lhe que “a ‘questão’ do Congresso de Zurique vindouro, sobre a qual o Sr. me informa, parece-me ser um equívoco.”⁴⁰ Ele acredita que o problema não possa ser posto de forma antecipada, é preciso esperar o momento histórico certo, pensar a questão quando os

³⁸MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. p. 26.

³⁹MARX, Karl. *The question of centralisation in itself and with regard to supplement to N. 137 of the Rheinische Zeitung Tuesday, May 17, 1842*.

⁴⁰MARX, Karl. *Carta de Karl Marx a Ferdinand Domela Nieuwenhuis*. 22 de fevereiro de 1881.

socialistas tomarem o poder. “Não podemos resolver nenhuma equação que não inclua em seus dados os elementos de sua solução.”⁴¹ Marx evita a série de conjecturas, de “problemas fantasmas”, situados no “país das nuvens”, frente “(...) ao qual a única resposta deve ser a *crítica da própria questão*.”⁴² Com isso, Marx rejeita como improcedente toda questão abstrata que não esteja de alguma forma ligada ao mundo objetivo.

Uma vez tendo os dados é necessário anunciar as questões que a censura conservadora pretende silenciar. Marx toma para si a tarefa da verdadeira crítica: chegar às questões não-proclamadas e proclamá-las. É necessário formular as questões que “(...) o tempo presente traz em seu ventre”⁴³ e declará-las a fim de serem resolvidas,

2.5 Formular perguntas conforme o materialismo de Marx

A pergunta dos neo-hegelinos já se encontra desconexa da realidade, falta-lhes “(...) a conexão entre a sua crítica e o seu próprio meio material.”⁴⁴ Ao tornarem Hegel o seu pressuposto filosófico, isolaram uma categoria determinada da filosofia hegeliana (substância, autoconsciência...) como se ela fosse pura e isenta de falsificação, secularizaram-na sob uma categoria mais mundana (o Gênero, o Único, o Homem...) a partir da qual criticaram o resto do sistema. Os neo-hegelianos não apenas não partiam da realidade material como também descaracterizavam o próprio hegelismo, tornando-o mais religioso, cujas bases misticizadas resultam em soluções também idealizadas.

Para Marx todo aspecto formal que não tenha nascido da materialidade dialética não serve de caminho investigativo. Sem isto, cai-se facilmente nas armadilhas arbitrárias do idealismo, que não reconhece que cada pergunta já traz internamente as determinações materiais de sua resposta. Marx acredita que a questão já esteja toda resolvida no seu colocar, ainda que não plenamente consumada, sendo, de fato formulada de forma clara quando já estiver resolvida. Depois de formulada a pergunta, resta apenas desdobrá-la, pô-la em movimento, perfazer o caminho delimitado por ela mesma, expô-la de forma completa até chegar à resposta que já se encontra no início do processo. Cada

⁴¹ Ibidem.

⁴² Ibidem.

⁴³ MARX, Karl. Carta a Arnold Ruge maio de 1843.

⁴⁴ Idem. p. 23.

aprimoramento da questão supõe a sua reformulação, capaz de equacioná-la melhor, de forma mais perfeita, para a sua resolução.

A busca pela formulação da pergunta se dá junto com a busca de sua resposta, com isto o conhecimento que se encontrava em grande parte na Zdp é atualizado. A formulação exata da pergunta coincide com a descoberta de sua resolução. Por isto Marx e Engels se veem na obrigação de desmascararem “(...) esses carneiros que se julgam lobos”⁴⁵. Marx e Engels se empenham na construção de novos pressupostos histórico-materiais capazes de não reproduzir a ideologia, re-colocando a questão a partir das primeiras necessidades reais da existência; da produção de novas necessidades históricas; das primeiras relações sociais; do desenvolvimento da indústria e do comércio; e chegam à produção sócio-material da consciência e a linguagem.⁴⁶

A questão de Marx somente pode ser resolvida pela atividade, cujos desdobramentos não cancelam, mas pressupõem, a teoria. Diferentemente de Feuerbach que propunha apenas um materialismo objetivo (sensível, intuitivo, tomando a prática humana fixa no produto) Marx toma tudo àquilo que é práxis humana como material. A forma de Feuerbach colocar a questão o impossibilita de valorizar a “(...) atividade ‘revolucionária’, prático-crítica”⁴⁷ como material.

As formas de colocar a questão conduzem os dois materialistas para soluções diferentes. Feuerbach conduz para a contemplação e Marx à práxis: “Todos os mistérios que levam a teoria para o misticismo encontram sua *solução* racional na *práxis* humana e na *compreensão* dessa práxis”⁴⁸ (grifos meus). Com isto, Marx demonstra que a solução não pode ser meramente teórica e nem meramente prática, mas deve aliar ambas. Com isto, toda a solução meramente teórica ou qualquer intento de transformação do mundo que não leve em conta as questões da compreensão, não podem ser chamadas de autenticamente marxianas. Isto ajuda entender o que Marx afirma na 11ª Tese Contra Feuerbach: “Os filósofos se limitaram a *interpretar* o mundo de diferentes maneiras; o que importa é *transformá-lo*.”⁴⁹

⁴⁵MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. p. 17.

⁴⁶Cf. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. p. 40-43.

⁴⁷MARX, Karl. Ad Feurbach. In: _____; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. p. 12.

⁴⁸Idem. p. 14.

⁴⁹Ibidem.

Marx não está fechado para a hermenêutica do mundo⁵⁰, mas sim para a sua forma isolada da práxis. Ele se coloca contra “(...) as fanfarrônicas desses intérpretes filósofos [que] apenas refletem a derrisória pobreza da realidade alemã”⁵¹ por acreditarem resolver de forma teórica qualquer contradição da vida. Marx se encontra impregnado de interpretações críticas articuladas com a práxis, cuja realização de uma e de outra depende de ambas.

Por isso, Marx considera a materialidade e pensa que a própria teoria como força material. “Mas a própria teoria torna-se, da mesma forma uma força material quando se apodera das massas. A arma da crítica não pode substituir, sem dúvida, a crítica das armas; a força material só será abatida pela força material.”⁵² Para que a questão formulada por Marx obtenha a sua solução final ela não depende unicamente de condições cognitivas, mas da satisfação de todas as condições materiais internas da Alemanha⁵³. Consequentemente as questões marxianas não são resolvidas apenas nos livros, mas sim na práxis da classe social que tem condições de abolir todas as classes – o proletariado.

Tal noção inspirou a segunda geração dos teóricos da teoria da atividade, visto que somente a partir da atividade é que as questões podem ser resolvidas. Leontiev em “*Atividade, Consciência e Personalidade*” (1978) utiliza de forma explícita o texto marxiano d’ “*A Ideologia Alemã*”, para explicar a origem prático-social da consciência, da linguagem e da personalidade.

Graças ao desenvolvimento histórico do tempo de Marx é que foi possível surgir na Zdp da humanidade indícios revolucionários que permitiram a formulação da questão revolucionária. Tal como em Engeström não há um professor especializado que possa ensinar a revolução para outros, entretanto, em Marx, existe um sujeito histórico, o proletariado, que realiza tarefa semelhante. A organização proletária tem a missão histórica de tencionar as relações sociais e adiantar o desenvolvimento das transformações sociais.

O ápice da formulação do pensamento marxiano se dá na obra *O Capital*. Marx chega a este ponto após exaustivas críticas às formas como outros puseram as suas questões, e também, após os seus próprios equívocos. Marx aprende com os erros dos outros e com os seus próprios erros e de formulação em re-formulação

⁵⁰Boehm. In: FOUCAULT, M. *Nietzsche, Freud e Marx*. p. 31.

⁵¹MARX, K.; ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. p. 17.

⁵²MARX, K. Contribuição à crítica da Filosofia do Direito de Hegel. In.: *Manuscritos Filosóficos-Econômicos*. p. 53.

⁵³Cf. Idem. p. 59.

chega ao ponto almejado. Nesta obra, Marx toma “o capital” como princípio do mundo e demonstra a sua incapacidade de dar conta de todos os aspectos da vida, reduzindo tudo à quantificação. Marx não inventa nada, apenas descobre, após reiteradas tentativas, o princípio que já estava posto na materialidade de seu tempo histórico, já bastante desenvolvido na objetividade e que até então residia na Zdp teórica da humanidade. Ao nomeá-lo, Marx consegue analisa-lo, compreendê-lo racionalmente, operacionaliza-lo como categoria da Economia Política e criticá-lo a partir dele mesmo.

Conclusão

A teoria da Zdp, criada por Vigotsky, sofreu um processo de aplicação, posterior ao seu criador, que a coletivizou cada vez mais. Ela nasce no âmbito individual, sem negar o coletivo, e amplia-se explicitamente para o âmbito da comunidade escolar e mais ainda para a própria atividade complexa que envolve mais de um sistema coletivo. Tal processo não é acidental, isto porque está enraizado na fonte marxiana de Vigotsky.

Ao ler Marx, retroativamente, a partir da categoria da Zdp, é possível encontra-la em germen na filosofia marxiana. Marx reafirma os sentidos conferidos pelas gerações vigotskystas e possibilita pensar a Zdp do desenvolvimento histórico, dialético, prático, material, da totalidade da humanidade. Assim, ao mesmo tempo em que a Zdp mostrou-se como uma categoria rica para que se possa ler Marx, este também se mostrou fecundo para o desdobramento de outros sentidos escondidos na Zdp.

Abstract: This article reconstructs the origins of the Marxist concept of ZPD (Zone of Proximal Development) created by Vygotsky and his followers split into, especially G. Wells and Y. Engeström. In Engeström to Vygotsky the process of collectivization is a growing concept of the ZPD, this coverage dating back to Marx, whose philosophy, the dialectical relationship between questions and answers, allows us to identify the "ZPD" historical material of all of humanity. At the same time that Marx can be read backwards by the concept "ZPD" it can also make an important contribution to the enrichment of the authors of the readings that follow Vygotsky.

Keywords: Vygotsky; Marx; Zone of Proximal Development (ZPD); the dialectic between question and answer.

Referências bibliográficas

ENGESTRÖM, Yrjö. *Aprendizagem por extensão na prática: em busca de uma reconceitualização a partir da teoria da atividade*. [trad. Magda Floriana Damiani]. Texto enviado por email.

ENGESTRÖM, Yrjö. *Aprendizagem por expansão na prática: em busca de uma reconceitualização a partir da teoria da atividade*. In: *Cadernos de Educação Universidade Federal de Pelotas*, ano 11, n.19:31-64, jul./dez. 2002.

FLINCKINGER, Hans-Georg. *Marx e Hegel: O porão de uma filosofia social*. Porto Alegre: LPM & CNPQ, 1986.

FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, Freud e Marx*. São Paulo: Princípio, 1997.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã (I- Feuerbach)*. 4. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1984.

_____. _____. *Manifesto do Partido Comunista*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

_____. *A Miséria da Filosofia*. 2. ed. São Paulo: Global, 1985.

_____. *Diferença entre as filosofias da natureza de Demócrito e Epicuro*. São Paulo: Global, s.d.

_____. *Liberdade de imprensa*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

_____. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001.

_____. *O Capital: Crítica da Economia Política*. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. 1.v.

_____. *O 18 Brumário*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. *A questão judaica*. <<<http://www.lusosofia.net>>> Acesso em 10 set. 2008.

_____. *A situação na França*. In: <<http://www.marxists.org/portugues/marx/1848/01/16.htm>>> Acesso em 12 fev. 2010.

_____. *Carta a Arnold Ruge maio de 1843*. In: <<http://www.marxists.org/archive/marx/works/1843/letters/43_05.htm>> Acesso em 12 fev. 2010.

_____. *Carta ao Pai em Trier*. <<<http://www.scientific-socialism.de/KMFEDireitoCAP4Port.htm>>> Acesso em 12 fev. 2010.

_____. *Carta de Karl Marx a Ferdinand Domela Nieuwenhuis*. 22 de fev. de 1881. In:<<http://www.scientific-socialism.de/FundamentosCartasMarxEngels220281.htm#_ftn3>> Acesso em 12 fev. 2010.

_____. *Para a Crítica da Economia Política*. <<<http://www.marxists.org/portugues/marx/1859/01/prefacio.htm#tn271>>> Acesso em 20 nov. 2009.

_____. *Posfácio à segunda edição alemã do primeiro volume de O Capital*. 24 de jan. de 1873. In:<<<http://www.marxists.org/portugues/marx/1873/01/24.htm>>> Acesso em 12 fev. 2010.

_____. *Prefácio*. In: *Para a crítica da Economia Política*. <<<http://www.marxists.org/portugues/marx/1859/01/prefacio.htm>>> Acesso em 20 nov. 2009.

_____. *The question of centralisation in itself and with regard to supplement to N. 137 of the Rheinische Zeitung Tuesday, May 17, 1842*. <<<http://www.marxists.org/archive/marx/works/1842/05/17.htm>>> Acesso em 12 fev. 2010.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. Estudo do desenvolvimento dos conceitos científicos na infância. In: *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WELLSS, Gordon. *Indagación dialógica: Hacia una teoría y una práctica socioculturales de la educación*. Barcelona: Temas de educación Paidós, 2001.